

FOTOGRAFIAS NO TERCÊ¹

Fladney Francisco da Silva Freire²

O complexo campo da religiosidade afro-brasileira tem se apropriado cada vez mais das visualidades como uma narrativa importante no cenário nacional, seja na luta pelo acesso das políticas públicas ou na divulgação das práticas ritualísticas nas redes sociais. O campo da antropologia visual tem sido importante na construção teórica da pesquisa. Nesse sentido, a fotografia tem possibilitado perceber narrativas de temporalidades, afetos e reciprocidades. O presente trabalho busca elencar o complexo e criativo enlace entre pessoas, entidades e fotografias no Tercê. Vale ressaltar que o Tercê é uma das religiões afro-brasileiras difundidas pelo estado do Maranhão com entidades organizadas em famílias, tendo muitas festas com toques de tambores nos terreiros. Trato do terreiro da minha família de sangue e de santo, localizado o terreiro na cidade de Bacabal (MA).
Palavras-chave: Tercê; fotografias; narrativa.

INTRODUÇÃO

O Tercê é uma religião afro-brasileira que possui forte trânsito com o Catolicismo Popular, Rituais de Pajelança, Umbanda, Tambor de Mina e Candomblé. Nas inúmeras casas, são cultuados diversos orixás, caboclos, mães d'águas, alguns animais encantados, pretos velhos e uma enorme gama de outras divindades.

O Tercê é uma manifestação religiosa afro-brasileira desenvolvida sobretudo nas regiões centrais do Maranhão e também praticada em outras cidades do Brasil, sendo comum nos estados do Piauí, Pará, Tocantins e Goiás.

Tal prática é conhecida como festa do Tambor da Mata, Brincadeira, Brinquedo de Barba, encantaria de Barba Soeiro, Verequete ou Berequete. M. Ferretti afirma que “apesar de exibir elementos jêje e alguns nagôs, a identidade do Tercê é mais vinculada

¹ “Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022”.

² Doutor em Antropologia Social (UFG); Professor do IP Bacabal (IEMA); Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular –(GPMINA).

à cultura banto (angola, cambinda) e sua língua ritual é, principalmente, o português” (FERRETI, 2003, p. 01).

Meu campo de estudo tem sido o terreiro da minha família, que carrega o nome de União Espírita de Umbanda de São Raimundo Nonato, o terreiro é chefiado pelos meus pais biológicos, Angela de Oxum e Francisco de Folha Seca. É nesse local que desenvolvo minha espiritualidade. Está situado na cidade de Bacabal (MA), funcionando desde 1993, na Rua da Esperança, nº 318, próximo ao centro da cidade, na microrregião do Médio Meariam maranhense.

Vale ressaltar que os objetos ou “coisas” são elementos importantes nos contextos de terreiros de religiosidade afro-brasileira, pois falam muito da comunidade e de sua subjetividade.

A cultura material carrega os traços do grupo e, por esse motivo, põe em relevo questões sentimentais e políticas. Roupas e fotografias são elementos constitutivos da paisagem e estão imbuídas de criatividade, inventividade, lugares, percursos e memórias.

O Terecô com suas roupas e fotografias apresenta elementos da criatividade. “Isso implica ler a criatividade ‘para frente’ enquanto reunião improvisada com processos formativos, ao invés de ‘para trás’ enquanto, a partir de um objeto acabado, até uma intenção na mente do agente” (INGOLD, 2012, p.02).

O autor está preocupado com os processos em formação, e não tanto com o produto final. O foco maior é, portanto, em fluxos e transformações dos materiais ao invés do estado de matéria, insistindo que “o mundo que habitamos é composto não por objetos, mas por coisas” (INGOLD, 2012, p.02).

As roupas e fotografias são um agregado de “fios vitais”, são “coisas”. “A coisa, por sua vez, é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam. Observar uma coisa não é ser trancado do lado de fora, mas ser convidado para a reunião”. (INGOLD, 2012, p.3)

O fio condutor do trabalho tem sido as roupas e fotos de festa do Terecô, especificamente as do terreiro da minha família, o já mencionado União Espírita de Umbanda de São Raimundo Nonato, situado em Bacabal (MA).

Temos seis festejos realizados por ano no terreiro, destinados a santos e entidades distintas. A maior festa se inicia no dia 23 de agosto e segue até o dia 03 de setembro. Os

últimos cinco dias de batidas³ e obrigações aos santos são destinados especialmente aos convidados e abertos ao público.

No período do trabalho de campo, foi possível entender que todas as fotos demonstram que o período festivo é diferente daquilo que vivenciamos nos dias “normais”/cotidiano, quando o terreiro perde a ornamentação festiva, ficando com poucos tecidos e flores. De certo modo, assim como as pessoas se vestem para as festas, o terreiro também é embelezado para recebê-las.

No terreiro, existe um hábito constante quanto ao uso das fotografias, principalmente nos dias de festa, pois é quando apresentamos o resultado anual conseguido na vida em religião. As fotografias servem para registrar e para serem apresentadas aos amigos que frequentam os terreiros. São nesses momentos que vestimos nossas melhores roupas de santo e fazemos poses para as muitas câmeras fotográficas presentes.

A maioria das fotografias foi feita por câmeras de celulares e, por este motivo, o critério adotado na seleção das imagens tem ligação com os sentidos da beleza que a imagem ajuda a acionar, de acordo com as pessoas em pesquisa.

Na casa de São Raimundo as fotografias estão em banners ou em quadros. Elas fazem parte da história do terreiro e expô-las é algo importante para nós. Ao entrar no quintal você encontra um mural com muitas fotos antigas, um pouco pálidas por causa do tempo.

Quando da pesquisa em 2017, minha mãe conseguiu que todas as fotografias fossem digitalizadas, algumas foram impressas em papel de lona, banner, essa inspiração ocorreu devido aos trabalhos apresentados por mim em eventos acadêmicos, pois, segundo minha mãe, “no banner é possível colocar até seis fotos grandes e a cor não sai tão fácil”.

Nos últimos anos, as fotografias têm sido um elemento apropriado por diversos grupos afro-religiosos. Não sabemos onde iremos chegar com tanto material divulgado. Se antes tudo era realizado debaixo de sete chaves, hoje a lógica é outra.

No terreiro de São Raimundo, as fotografias e roupas são importantes para o ciclo anual da vida no santo. Mauss (1974) afirma que os objetos e roupas possuem um forte criador de vínculo social, atribuindo respeito e cuidado, e que os objetos recebem a ação e agem de volta em relação aos indivíduos.

³ É referente aos toques de tambores.

As roupas são preparadas para as grandes festas e, como sempre diz a filha de santo Leane: “uma festa sem as roupas não é uma festa de verdade”. A ideia é que as roupas dão sentido à festa, e as festas dão sentidos às roupas, e organizam muito da vida do terreiro no decorrer do ano. Assim, a “festa de verdade” celebra os sentidos da beleza que conecta terrecozeiros e a gratidão às entidades. É durante os festejos que as circulações de dádivas são maiores. A vestimenta, nesse contexto, teria de certa forma um sentido de “fato social total” (MAUSS, 2003).

Vale ressaltar que no Terecô, as cores estão vinculadas aos Orixás e entidades. Cada Orixá comanda uma falange/corrente/linha, que também cruza suas forças com as de outros Orixás. Por exemplo, a linha de Oxum é comandada por ela, mas sua falange cruzada com outros Orixás vai significar um gradiente maior de possibilidades: No caso de Oxum cruzada com Xângo, vamos ter Oxum da pedreira; o cruzamento de Ogum com Iemanjá resulta em Ogum-Beira-Mar. Então podemos entender que as questões das roupas e seus “donos” são complexas.

Outro elemento que precisa ser levado em conta é o dia da semana e quem rege aquele dia. Todos os anos, os entes ligados à Umbanda revelam o Orixá que comandará a cosmologia do ano. No entanto, nem sempre meu pai segue essa leitura “universal” da Umbanda e em diálogo com Eurides e outras entidades se tem um consenso de quem é o ano e sua cor.

No caso de 2017, segundo a Federação Umbandista do Maranhão, os orixás regentes são Oxossi e Oxum. Na cosmologia do nosso terreiro, foi um ano de Xangô. Em 2016, segundo os entes ligados à Umbanda, os orixás regentes foram Oxalá e Iemanjá. Na nossa cosmologia do terreiro, 2016 foi regido por Ogum. Pode ser que em alguns anos exista coincidência entre aquilo que os entes da Umbanda definiram e a nossa concepção no Terecô. Dessa forma, é sempre bom entender que as coisas e sentidos são aplicados de formas diferentes nos lugares e situações.

Nos bastidores sempre existem os discursos do tipo ideal, do modelo que deve ser seguido por todos, mas é possível perceber que isso de fato não ocorre. O que temos, portanto, é uma sincronização ou uma tentativa. A diferença nas roupas pode ser atribuída à hierarquia entre as entidades, mas também às diferenças corporais, ou em outros casos pelo tecido e pelo sentimento individual de cada pessoa que seja adepto da casa.

A primeira roupa a ser costurada é da Maria de Jesus, carinhosamente chamada de Brechó ou Brecha. Ela é a primeira guia da casa e a sua roupa feita primeiro para servir

de modelo base para as demais, mas desde a finalização do festejo até o “dia da roupa nova” muitas decisões são reavaliadas.

Em 2015, a roupa foi feita em homenagem às princesas das águas: Oxum, Iemanjá e Nanã Buroquê, e usada também na terceira noite de festa. A roupa continha 15 metros de tecido distribuídos entre o cetim, renda e organza. Na cabeça, foi incorporado o chapéu, retomando algo usado nos primeiros anos do terreiro e que tinha sido substituído pelo pano de crochê. Todos estavam vestidos para reverenciar as mulheres.

A roupa de 2016 passou por mudança e foi feita para um homem, no caso Ogum, orixá da guerra e da força. A roupa tem 15 metros de tecido, também distribuídos entre cetim, organza bordada e organza simples.

Maria Flor, entidade do meu pai, apelidada de Flor, sempre chama a atenção dos filhos de santo no tocante à vestimenta. Uma vez presenciei uma conversa entre ela e Dona Lourdes sobre a sua roupa, pois estava bem diferente da estética do terreiro de São Raimundo. Dona Lourdes ainda seguia o padrão de roupa da sua cidade, Belém (PA), blusa sem manga e com menos enfeites e muito curta. Para Flor, esse era um modelo de roupa feia e foi então que ambas fizeram um acordo para que uma pessoa de Bacabal (MA) fizesse a roupa dela, dentro do padrão da casa.

Dona Lourdes disse que as roupas da casa são lindas, mas é difícil ter alguém para costurar para ela em Belém e que dessa forma (com as roupas feitas em Bacabal) seria melhor para ela, pois sempre fica acanhada ao entrar em uma corrente com várias mulheres com roupas bem feitas e ela com a roupa mais simples e pequena.

Quando da pesquisa (Freire, 2018), vi que, para muitos, as mudanças que ocorram no tocante à vestimenta foram influenciadas pelos guias da casa. Em alguns momentos, nas horas que antecedem as noites de festas, as conversas entre os brincantes são sempre em relação às roupas do passado, mas sem querer retornar a esse período, o que significaria voltar a dançar somente com a roupa do coco⁴.

Era possível ouvir, comumente, muito saudosismo em relação ao passado, onde se confeccionavam as roupas com os tecidos “riscado”, “voltoomundo” e “murinho”. Outras falas eram direcionadas ao período em que não existia “fardas” ou qualquer tipo de padrão a ser seguido, quando cada brincante vestia o que era possível adquirir ou com a própria “roupa do mundo” caía na dança. As diversas mudanças nas roupas são

⁴ O Terecô era uma prática iniciada na zona rural, muito comum na época lavradores saírem da roça direto para o ritual, pois não existiam roupas padronizadas no estilo atual.

pontuadas ora como escolhas dos indivíduos e não dos orixás, ora o contrário. Existem muitas explicações, (Freire, 2018).

Na contramão, existe um discurso de que as roupas foram se aperfeiçoando na proporção em que a vida financeira foi melhorando. Há vinte anos, era difícil ter dinheiro para uma boa alimentação e gastar R\$ 1 mil reais com uma roupa era inimaginável. Meu pai gastou isso com a vestimenta no último festejo. Para alguns brincantes, uma roupa abaixo desse valor não é uma boa roupa, já que são 15 metros de pano no total.

Existe uma parcela de terecozeiros que afirma existir uma onda do luxo e ostentação, pontuando que isso é uma criação não das entidades e sim dos adeptos, que acabaram por descaracterizar a religião. A ideia aqui é que uma roupa simples e um terreiro de barro fosse algo com mais “força”. Esse tem sido um debate forte interno entre os mais jovens e os tradicionalistas.

Durante o período de constituição da minha dissertação (FREIRE, 2018), precisei demarcar que nem as fotografias são suficientes como fonte de pesquisa, nem memórias e relatos orais. Dessa forma, as duas fontes, no processo de interdependência, foram importantes no contexto de pesquisa.

Em sua maioria, as imagens estavam nos arquivos do terreiro e, por isso, eram importantes no contexto da narrativa. Minha mãe era quem guardava os arquivos. Além de fotografias, no período festivo, é muito comum a utilização de filmagens no terreiro da minha família. Contratamos alguém com domínio da técnica para registrar os melhores momentos da festa. A criação de vídeos serve para guardar os momentos e, também, para avaliar o período festivo. Essa contratação ocorre, normalmente, no maior festejo, que é o de São Raimundo Nonato.

No período do trabalho de campo (Freire, 2018), as diversas câmeras fotográficas eram elementos inclusos nas lógicas das festas, entre um bailado e outro, alguém filmava ou fotografava, ter em sua disposição as imagens serviam para se auto avaliar e avaliar os demais do grupo.

É muito comum, no dia de recebimento dos vídeos, que minha mãe pegue a televisão e o DVD e coloque no terreiro para todos assistirem. Em outras ocasiões, na sala da casa, as filmagens ficam passando. As falas acionadas envolviam avaliações sobre o que foi vestido, quem estava incorporado com qual entidade, como as pessoas estavam dançando e quem cantou no período da festa.

Atualmente, ninguém do terreiro possui o equipamento profissional necessário ou sabe sobre sua operação. Talvez isso leve a uma meta futura quanto a um curso

profissional. No entanto, vídeos e fotografias são realizados em celulares, sem muita preocupação se estávamos alcançando os critérios técnicos suficientes.

A primazia da relevância de fontes escritas, comum nas sociedades ocidentais, provocou em Rocha e Eckert (2005) a defesa da importância da tradição oral. Vídeos e fotografias podem ser fontes importantes, mas elas, por si só, não são suficientes, pois a experiência de vida no contexto da pesquisa etnográfica é imprescindível. Defendem, portanto, que o *métier* do antropólogo se traduziria no mergulho profundo na memória do outro, e sua arte consistiria em conformar suas experiências de vida às sabedorias acumuladas nas experiências dos outros, nas suas vidas, para delas retirar conhecimento, aderindo à narrativa de quem narra.

Antes do mestrado, eu não conhecia o debate sobre materialidade, muito menos sobre o processo de escrita. A descoberta foi ocorrendo no processo de inserção, e fui aprendendo vivendo, lendo e fazendo.

Vale ressaltar que as imagens têm várias finalidades, sendo uma delas utilizar a fotografia como uma linguagem narrativa. Outro elemento importante da visualidade passa por entender que a imagem é um enquadramento de sentidos, de subjetividades e de objetividades. Intui-se que “a proposta aqui é do emprego da antropologia visual enquanto recurso narrativo autônomo na função de convergir significações e informações a respeito de uma dada situação social” (ACHUTTI, 1997, p. 13).

Se, antes, as representações do que ocorria num dado ritual eram disseminadas, sobretudo, via oral, atualmente é muito diferente: vivemos no mundo das imagens paradas e em movimento. De fato, diversos autores têm reconhecido que “as novas tecnologias comunicacionais têm um profundo impacto na construção da memória e em sua articulação com o processo identitário” (SANSONE, 2012, p. 333).

Gordon (2009), fazendo uma análise das sociedades Xikrin no estado do Pará, revela o quanto os sentidos e práticas do belo se relacionam a um complexo social, que se articula essencialmente em torno do sistema ritual Xikrin:

Os objetos incorporam-se a pessoas, tornando-se parte delas; mas os objetos são eles mesmos partes objetificadas de sujeitos ou agências vitais [...] [e estas] partes objetificadas precisam ser constantemente ressubjetivadas, por meio do aparato ritual, para transferir agência e capacidades (GORDON, 2009, p. 8).

No contexto da minha religião, as roupas e as fotografias demarcam relações de dádivas, trocas e solidariedades, mas também muita tensão e hierarquias. É comum haver

disputa entre os terreiros para saber quem se veste melhor, mas acontecem dentro de um regime de sutileza. É comum ouvir nos quartos e no quintal da casa diversas pessoas avaliando o desempenho da vestimenta, mas, devido a questões éticas, esse assunto não é debatido de forma aberta, sendo nos bastidores de cada casa que a roupa passa a ser o assunto do mês e, dependendo dos gastos, até do ano. Grande parte dos terreiros preparam suas roupas e depois as usam no circuito de visitação.

A atração da festa é a roupa e todos os brincantes querem ver a casa que se veste melhor. Esse evento acaba chamando muito a atenção dos terreiros. Os convidados querem participar do “dia da roupa nova”, momento público e de grande importância para os grupos religiosos.

Cortamos, costuramos e escolhemos os tecidos das roupas, providenciamos os modelos, os enfeites. Compreendemos o “dia da roupa nova” e suas etapas como momento para o ritual. Sem o ritual, a roupa não teria o sentido que tem. “Apesar de boa parte dos privilégios ser de conhecimento geral, os rituais fornecem o contexto para que eles sejam visualizados, para que apareçam (*amirin*) diante da comunidade” (Idem, p.12). Parafraseando Gordon (2009) em sua análise da sociedade mebêngôkre, pode-se afirmar que os rituais e festas nos terreiros são momentos em que mostramos como deve ser: belo, correto, bom. No contexto do Terecô existe uma rede de solidariedade ritual.

Vale ressaltar que, na pesquisa, as imagens “foram sendo feito(a)s num ritmo mais de experimentação do que de forma pré-estipulada” (Pólvora, 1995, p. 130). No terreiro existe uma constante no uso das fotografias, principalmente nos dias de festa, momento em que as pessoas vestem suas melhores roupas de santo, e fazem poses para muitas câmeras fotográficas nos festejos. Muitas das imagens utilizadas nessa pesquisa foram cedidas de forma espontânea, acionadas quando o sentido de estar “chique e elegante” apareciam, algo que traduz o sentido da beleza nas roupas.

Segundo Cicero (2008), a fotografia capta apenas o instante do fotografado. As fotografias costuram memórias, e, por esse motivo, as pessoas que estão comigo nesta pesquisa também estão ajudando a costurar este trabalho. A maioria das fotografias foi feita por câmera de celular, e, por este motivo, o critério adotado na seleção das imagens tem ligação com os sentidos da beleza que a imagem ajuda acionar. Vamos entender um pouco mais desses sentidos a seguir.

MATERIALIDADES EM FESTA, EM RITUAL: SENTIDOS E BELEZA

É principalmente nos momentos que antecedem os rituais que nos adornamos, ficamos envaidecidos. A partir das fotografias é possível identificar o sentimento em relação à ideia de beleza. É possível pensar a respeito da beleza da vestimenta e circulação, pois a imagem captura um instante que passa e propicia capturar o instante do acionamento da beleza da vestimenta.

Durante o ano é possível acompanhar a confecção das roupas, conversas sobre a organização das festas e, principalmente, a aproximação do festejo em agosto, marcado pelo entusiasmo e ansiedade. O ritmo da casa é marcado pelo trânsito de muitas pessoas e é comum haver pessoas andando e conversando por todos os lugares.

Nas vésperas de festa a casa fica repleta de pessoas, roupas são colocadas ao sol para tirar o cheiro de mofo e em outros casos são lavadas. Banhos são preparados e pessoas são colocadas em equivalência às entidades. Nos dias ordinários as “coisas” estão nos espaços, no entanto é na festa que sua beleza é ressaltada. Não existe “nós e eles”. As duas categorias entram em processo de confluência e, no final, toda a beleza é para elas. Cada sentido, roupa por roupa, foto por foto, tudo só é possível de acontecer pela proeza das entidades.

Os dias que antecedem o festejo são marcados pelo processo de organização da casa e decoração dos espaços. É comum a compra de tecidos para os altares e aplicação de bandeiras, bem como, decoração de andores da procissão, organização da alimentação e estoque, além da vestimenta do Boi Diamante.

Todos os anos nos reunimos na sala para as fotos. É nessa hora que todos querem mostrar a beleza da roupa e a satisfação de participar desse momento. É com alegria que todos querem posar e ver as fotos, para saberem se estão bem, se estão bonitos.

No terreiro, as roupas de santo são utilizadas nas ritualísticas em festas, sessões, rezas e novenas. As roupas são importantes e acionam diversas categorias, tais como orixás, festas, obrigações religiosas, disputas entre terreiros, e disputas com outras religiões. Além disso, elas têm sentidos diferentes, atribuídos pelos adeptos. Vivenciar uma roupa nova é sempre muito importante, mas algumas vestimentas são regadas por um apego maior que outras.

A veste tem vida e as relações são pensadas a partir dela, pois desde a confecção até a primeira lavagem são necessários vários cuidados. Isso vai desde o guardar até o momento de uso nas festas. Uma roupa tem vida, de forma que ela carrega sentidos e histórias, tem donos humanos e não-humanos. Lembro-me de sempre ouvir no terreiro a designação da roupa à determinada entidade, aquela de preferência do brincante que

comanda a casa de santo, algo que tem ligação com o mundo dos orixás. A vestimenta é algo que invoca sentimento de magia e rituais de sentidos.

As entidades sempre falam das roupas que gostam mais e, também, dizem de quais não gostam. Por diversas vezes fiquei sentado ao lado do altar assistindo as rodadas e, do nada, uma entidade chegava e me cumprimentava. Lourenço Légua, entidade que me é mais próxima, me perguntava toda vez: “Moço Flaudiney, eu tô bonitado? Eu sô um moço muito dos chiques com essa bata.”

Eu sempre fui sensato e respondia se estava bonito ou não, mesmo que em algumas vezes as entidades não gostassem. É muito comum as entidades repetirem as perguntas por algumas vezes até constatarem se é verdade ou não. Quando uma entidade ficava incomodada com a roupa ela falava: “seu siô, eu tô parecido com um boi tatá de bixim brincar”.

“No dia da roupa nova as entidades brincam com vontade”. É assim que muitos dos adeptos falam, pois a beleza também é uma forma de intensificar o trabalho ritual, trazendo mais qualidade e força. Nesse sentido, depois que os donos da roupa inauguram a vestimenta, então, o tambor “vira para a mata” e a família de Légua participa da festa para dançar, junto dos Caboclos e alguns exus e entidades crianças.

É nesse momento que todos querem rodar e espalhar as roupas pela sala, com várias rodopiadas. Existe uma valorização das roupas e por esse motivo muitos criam expectativas, transformando-as na atração da festa, e, em certo sentido, os brincantes querem ver a casa que se veste melhor. Esse evento é importante na rede entre os terreiros, e os convidados querem participar do “dia da roupa nova”.

Muitas casas de santo em Bacabal também organizam “roupas novas” em suas festas. Minha mãe narrou, inclusive, que alguns terreiros construídos de barro e palha também confeccionam roupas para as festas. É um movimento que concentra uma produção anual. Todos os chefes se organizam para realizar uma festa bonita dentro das possibilidades de cada terreiro, como me afirmou minha mãe:

A gente anda muito e cada terreiro é diferente do outro, mas a gente nota que tanto aquele terreiro com posses como aquele que não tem. Às vezes a gente chega naquele humilde e a festa tá melhor, pois as vezes vamos em um grande e a festa não está boa. O que importa é a força, quem é de dentro sente, a gente sente, quando a gente brinca que chega no terreiro, até na hora que começa a gente sente que tem aquela força. Tem terreiro humilde que quanto mais a gente brinca, mais vontade a gente tem de brincar, já tem um grande aí que a gente vai empurrado, pois temos que ganhar o povo pro festejo. Tem terreiro pequeno que faz a roupa linda, esse negócio de dizer só casa grande faz isso é mentira, todos querem uma festa bonita e fazem como podem pra realizar.

Em meu trabalho (Freire, 2018) afirmo que é importante salientar que o orixá do chefe da casa tem todo respaldo para fazer suas escolhas pelo estilo da roupa, com quem vai estabelecer sua rede de visitação e como vai ser a festa. De fato, pode-se argumentar que as questões monetárias diretas estão quase sempre dependentes daquelas do universo religioso e dos padrões costumeiros, coletivamente partilhados pelo grupo. Se há economia, ela deve ser pensada em termos de uma economia moral.

Segundo os brincantes do terreiro de São Raimundo, as roupas têm relação com os orixás mais fortes que comandam determinado terreiro, mesmo tendo as Tambossas como figura central na escolha da vestimenta. As demais entidades na seara da hierarquia das casas conferem valor de forma diferenciada a cada vestimenta. Existem diversos repertórios vinculados à roupa nova e dentro de um deles estão as Tambossas⁵, princesas das linhas das águas bastante reverenciadas no terreiro de São Raimundo. Ter uma Tambossa nas correntes da casa é motivo de distinção, pois “para elas sempre tem tudo do bom e do melhor”, segundo Leane, filha da casa e minha comadre.

Devido à soberania das Tambossas, as demais entidades de outras correntes aceitariam uma roupa elegante mesmo contra a vontade, pois alguns Léguas e Caboclos de perfil masculino não gostam do incremento, mas acabam cedendo devido às hierarquias entre as próprias entidades.

As Tambossas são acionadas no discurso para demarcar aceitação das demais entidades em favor da mudança da roupa. Eurides de Tambossas é quem define a cor da roupa e é ela que entra em acordo com as demais entidades de frente⁶ do terreiro. Eurides é soberana, mas sabe que o mundo dos encantados é permeado por disputas hierárquicas. A roupa de 2017 foi realizada em uma promessa para Xangô por intermédio de Eurides de Tambossas.

A cada roupa são atribuídos sentidos diferentes pelos adeptos, pois vivenciar uma roupa nova é sempre muito importante, mas algumas vestimentas são regadas a um apego maior que outras. É possível fazer um paralelo entre as roupas utilizadas no Terecô e canoas usadas no ritual do *Kula* (MALINOWSKI, 1978). As canoas do circuito *Kula* e as roupas do Terecô são categorias que invocam sentidos de beleza e rituais de preparação.

A canoa é elemento da cultura material e, como tal pode ser descrita, fotografada e até mesmo fisicamente transposta para um museu. [...] Para o nativo, não menos do que para o marinheiro branco, o barco está em volto numa atmosfera de romance, construída de tradições e experiências pessoais.

⁵ São príncipes e princesas das águas, mulheres e homens elegantes e de fino trato. Elas estão vinculadas aos orixás da realeza. Essas entidades descem ao terreiro uma vez ao ano e são elas que o comandam.

⁶ Cada brincante tem um pai e uma mãe de cabeça.

É um objeto de culto e admiração, uma coisa viva que possui personalidade própria. [...] Para o nativo, entretanto, sua pesada e desajeitada canoa representa uma conquista admirável e quase miraculosa, um objeto de rara beleza. Ela a envolve de tradições, adorna-a com seus melhores detalhes, pinta-a de cores e a embeleza. Para ele, a canoa representa o instrumento poderoso que lhe permite tornar-se senhor da natureza, capaz de singrar mares perigosos em demanda a terras distantes (MALINOWSKI, 1978, p. 87-88).

No momento que antecede a entrada no salão, as fotografias entram em cena. O espelho é disputado para saber se tudo está nos conformes. A felicidade toma conta, todos se sentem orgulhosos e a roupa nova é instrumento que aciona vários sentidos, bem como a maquiagem entra em cena, assim como as essências e perfumes. Tudo para enaltecer o orixá da noite.

A vestimenta traduz uma linguagem que projeta o sentido do que é ser belo ou chique. Segundo Miller (2013), é fundamental considerar que a cultura material, tal como a vestimenta, por exemplo, não representa algo superficial. Neste sentido, temos que “roupas representam diferenças de gênero, mas também de classe, nível e educação, cultura de origem, confiança ou timidez, função ocupacional em contraste com o lazer noturno. [...] A indumentária era uma pseudolinguagem que podia dizer quem éramos” (MILLER, 2013 p. 21).

Assim, a busca é por observar os moldes da confecção cultural do grupo, e aqui temos o material e o espiritual se entrelaçando. Costurando, franzindo e alinhavando a roupa textual, fotografando e fazendo pose para apresentar a beleza da religião, é possível afirmar que o universo das roupas e fotografias produzidas nos dias extraordinários constitui um elemento privilegiado para entender os processos e dinâmicas da casa e seus fluxos ligados ao sagrado.

Desde a minha infância até hoje, acompanho a preparação das festas, e percebo como fotografias e vestimentas têm centralidade em todos os momentos. Arrumamos nossos terreiros e preparamos vestimentas para o “dia da roupa nova”.

É muito comum, durante os 06 meses de preparação da vestimenta, a lógica de esconde-esconde. A cada visita de pessoas de outros terreiros, temos uma pausa na confecção da roupa, pois ter a roupa nova é algo inédito. Todo o processo é sigiloso. É por esse motivo que o balde grande fica ao lado da costureira para esconder a vestimenta, pois alguns chefes de terreiros da cidade costumam mandar pessoas com a clara intenção de averiguar como anda o processo de confecção da roupa e das festas.

Ocorreu, em um ano específico, a descoberta externa da cor da roupa nova. Este fato somente foi percebido durante as visitas aos demais terreiros, quando descobrimos que a roupa já estava no falatório das demais casas. Foi um alvoroço e, com todo o falatório, foi preciso modificar os enfeites da roupa e a cor do pano de cabeça.

Esse evento é importante na rede entre os terreiros, e os convidados querem participar do “dia da roupa nova”. A indumentária necessita passar por alguns procedimentos, desde o lavar, guardar até o momento da utilização na festa. Para a retribuição das visitas aos terreiros as melhores roupas são usadas nas grandes casas e nas pequenas casas também.

Cada ano é confeccionada uma roupa nova ou várias roupas e, nesse sentido, a roupa do ano anterior é incorporada no discurso da tradição, sendo identificada pelo orixá regente da vestimenta. O que diferencia a roupa nova das demais é o seu ritual no sentido amplo e sua utilização em ocasiões especiais.

É preciso ressaltar que existem ocasiões especiais até em terreiros de barro e palha, e essa lógica tem a ver com quem comanda a casa e sua ligação com o terreiro visitante. “A roupa que a gente usa aqui a gente usa todos os lugares, você já imaginou se tivéssemos que fazer dois tipos de roupas? O dono do terreiro ia se sentir mal”, afirmou minha mãe, quanto a como se dão essas visitas.

A roupa não é algo superficial. Ela consiste numa variável por meio da qual se poderá entender um fato social total que consiste na organização da vida no santo. Para os agentes externos (nesses casos, sujeitos que não frequentam o terreiro ou desconhecem a organização das casas), a indumentária pode parecer uma superficialidade, desnecessária para o crescimento espiritual. No entanto, para os adeptos da religião, a roupa possui muitas outras conotações. Ela é central.

As fotografias e roupas são elementos privilegiados para a compreensão do Terecô. Seguir essa dimensão, portanto, tem sido fundamental para o mapeamento das narrativas sobre a vida das “coisas”. Temos uma dimensão material e espiritual se misturando, envolvendo dimensões entre pessoas e entidades, que atribuem sentido sobre as coisas. De certa forma, roupas e fotografias são fundamentais para o terreiro e para a antropologia.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo. Fotoetnografia. Porto Alegre, Palmarinca 1997.

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. O processo de formação de “identidade maranhense” em meados do século XX. Tomo. São Cristóvão – SE, nº 17, p. 183-231, jul./dez. 2010.

CICERO, Antonio. Sobre Pearblossom Hwy. (Org.) Lorenzo Manni e Lilia Moritz Schwarcz. 8X fotografia: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Escrituras hipermidiáticas e as metamorfoses da escrita etnográfica na era das textualidades eletrônicas.” In: SEL, Susana. Imágenes y Medios en la Investigación Social. Una mirada latinoamericana. Buenos Aires, UBA e FFL, 2005. p. 65 a 78

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. Formas sincréticas das religiões afro americanas: o Terecô de Codó (MA). Cadernos de Pesquisa. São Luv.14, n.2, jul./dez. 2003, p.95-108

_____. Um caso de polícia! Pajelança e religiões afro-brasileiras no Maranhão 1876-1977 / Mundicarmo Maria Rocha Ferretti (Organizadora). – São Luís: EDUFMA, 2015.

FREIRE, Fladney Francisco da Silva. Por uma antropologia compartilhada: diálogos entre roupas e fotografias no Terecô. <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8421>>. Acesso em 10 jun 2018.

GORDON, Cesar. O valor da beleza: reflexões sobre uma economia estética entre os Xkirin (Mebengokre-Kayapo). Série Antropologia. V. 424, Brasília: DAN/UnB, 2009.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horiz. Antropol. vol. 18 nº 37. Porto Alegre, Jan/June 2012

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico ocidental – um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss. Tradução de Lamberto Puccinelli. São Paulo, EPU, 1974.

_____. Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosaic & Naif, 2003.

MILLER, Daniel. Por que a indumentária não é algo superficial. Trecos, troços e coisas: estudo antropológico sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PÓLVORA, Jacqueline Britto. A experiência de antropologia visual em uma casa de batuque em Porto Alegre. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 129-140, jul./set. 1995.

SANSONE, Livio. Os dilemas da patrimonialização do intangível: da invisibilidade à hipervisibilidade de alguns aspectos da cultura afro-brasileira. In: _____. A política do intangível: museus e patrimônios em nova perspectiva. Salvador: EDUFBA, 2012.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Por uma antropologia do objeto documental: Entre a “a alma nas coisas” e a coisificação do objeto. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 37-50, jan/jun, 2005.